

Impasse em Santo Egídio

À espera do 'Grande Preto'

As conversações de Roma marcam passo. Fretilim e Renamo escapam ao mediador italiano. Será preciso que a África do Sul lhes acuda?

Augusto de Carvalho

Maputo

NA região Sul de África, com pretensões a sub-região política, há um branco que quer ser reconhecido como o «Grande Preto» do Sul e, enquanto isso não acontecer, as conversações de Roma continuarão a marcar passo. O branco é o presidente De Klerk, da África do Sul. As conversações de Santo Egídio, em Roma, entre o governo de Moçambique e a Renamo recomçaram ontem depois de vários anúncios quanto ao seu reinício, manobras dilatórias pelo meio, e o povo moçambicano a morrer de fome ou assassinado com requintes de selvajaria. Interrompidas em Maio, foi dito que se reiniciariam três semanas depois, por volta do dia 10 de Junho. Mas já estamos em Agosto.

No intervalo, os mediadores não conheceram descanso, a fim de procurarem o melhor clima para a solução dos conflitos emergentes, entre os quais o relativo à metodologia para a inscrição dos partidos e um grande número de assinaturas para a



Última década do século, Moçambique
Tudo pendente da paz. A palavra aos políticos

sua concretização.

Pontos que, segundo a «Lusa», constituem a base da agenda desta nova ronda negocial.

É, entretanto, opinião unânime, já partilhada pelo próprio governo de Moçambique o qual não a pode expressar publicamente e em termos claros, que aos mediadores, embora esforçados competentes e prestigiados, lhes faltam características que podem ser determinantes para levar os contendores a um consenso mais rápido.

A Itália e a Igreja católica gozam de força moral enorme, mas carecem, neste caso, de poder de pressão, porque nunca foram partes no conflito nem possuem bastantes meios de persuasão.

Dizia-nos um governante moçambicano que não se trata de diminuir o trabalho e competência dos mediadores; mas enquanto a África do Sul não entrar abertamente em Santo Egídio, com estatuto oficialmente reconhecido, as negociações

continuarão a marcar passo. E juntava-lhe Portugal e os EUA. Portugal, por razões óbvias, enquanto técnico de moçambicanidade, conhecedor do processo da guerra e interessado no conflito, quer pela história comum quer por intromissões aqui e além, na própria guerra. Isto sem esquecer que mediou o conflito angolano com mestria e paciência, acumulando experiência. E os EUA por serem a única superpotência mundial, e porque, queira-se ou não, jogam forte na região.

A África do Sul foi, e continua a ser, parte no conflito. Continua, directa ou indirectamente, a auxiliar a Renamo, Pretória, onde De Klerk espera ansiosamente que a África lhe reconheça o estatuto do «Grande Preto» da região Sul, não vai deixar que lhe fuja da mão um instrumento que, por enquanto, ainda é capaz de controlar. A entrada em Santo Egídio seria a sua consagração oficial, uma espécie de selo carimbado por toda a África. Mais que o Prémio Nobel da Paz, que o poeta moçambicano, José Craveirinha, recentemente laureado com o prémio Camões, para ele propôs.

Pensa-se, aqui, em Moçambique, nos meios oficiais, que de facto, não faz sentido manter fora do jogo negocial um dos principais contendores. Procura-se, agora, uma forma diplomática para remediar actuações passadas, corrigindo-as sem molestar ninguém, nem afastar mediadores do plano em que foram colocados.